

"Como num filme pornô": notas sobre (des)controle e corpos que importam em clubes de sexo masculinos¹

Camilo Albuquerque de Braz

Professor Adjunto de Teoria Antropológica - Faculdade de Ciências Sociais (FCS)

Ser-Tão (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Email: camilo_braz@yahoo.com.br

Resumo

Neste trabalho, parto de uma etnografia realizada em clubes de sexo masculinos de São Paulo entre 2006 e 2008, e de entrevistas realizadas junto a alguns dos seus frequentadores e empresários. A investigação, que deu fruto a minha pesquisa de Doutorado, tinha como objetivo principal articular uma discussão entre a recente segmentação do mercado de lazer sexual entre homens na cidade e a valorização performativa de atributos e estereótipos associados à "virilidade", indagando acerca de seus possíveis efeitos na constituição de subjetividades. Nos clubes de sexo, as práticas e experimentações sexuais que lidam com a idéia de "limites", como o *fist-fucking* e outras experiências relacionadas ao BDSM, são objeto de aprendizados corporais específicos e bastante refinados. Além disso, as falas sobre o uso de preservativos, assim como de drogas recreativas ilícitas ou mesmo de álcool, assinalam que essas práticas estão sujeitas a uma espécie de "vigilância" do ponto de vista de seus "excessos". O significado desse controle é dotar os clubes de um sentido de legitimidade, como um mercado erótico viável. Meu intuito aqui é apontar como essa noção de "controle" é analiticamente interessante para pensar também na construção dos sujeitos e corpos "que importam" nesses estabelecimentos. Do mesmo modo como as práticas que evocam o (des)controle, os corpos nos clubes também precisam estar controlados em seus excessos para que sejam inteligíveis enquanto desejáveis.

Palavras-chave:

Homossexualidade – Erotismo – Marcadores de Diferença

¹Trabalho apresentado na 27ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto em Belém, Pará, Brasil.

Introdução

Num texto de Júlio Simões e Isadora França, no qual apresentavam a “notável ampliação e diversificação dos espaços de sociabilidade homossexual, bem como das formas de expressão cultural e política das homossexualidades” na capital paulista, nos últimos anos, havia a informação de que havia surgido recentemente em São Paulo espaços que pareciam reproduzir “o modelo europeu ou norte-americano de clube fechado, voltado para um público mais elitizado” (França e Simões, 2005: 324). Fiquei curioso para conhecê-los, imaginando quais seriam suas singularidades e aproximações frente aos estabelecimentos para sexo existentes na capital paulista desde os anos 1960, como as saunas, cinemas pornô e *dark rooms* de boates gays.

Já em suas páginas de *internet*, os clubes de sexo eram apresentados como lugares para homens interessados em outros homens tidos como “masculinos”. Um dos principais fatores que me levaram a estudar antropologicamente tais locais no Doutorado² foi a percepção de que eles constituíam um mercado que dialogava fortemente com convenções de gênero. Tais estabelecimentos surgiram em São Paulo no final dos anos 1990, buscando diferenciar-se dos locais comerciais considerados “tradicionais” para sexo entre homens, como saunas e cinemas pornô, flertando com elementos presentes na pornografia *gay* e apropriando-se daqueles historicamente construídos em torno dos *leather sex clubs* norte-americanos e europeus de meados dos anos 1960 a 1980.

A investigação tinha como objetivo principal articular uma discussão entre a recente segmentação do mercado de lazer sexual entre homens na cidade e a valorização performativa de atributos e estereótipos associados à “virilidade”, indagando acerca de seus possíveis efeitos na constituição de subjetividades.

Realizei um “pré-campo” ao longo do ano de 2006, durante o qual anotava em meus diários “observações livres” (Perlongher, 2008), ao mesmo tempo em que buscava delimitar o campo para observações mais densas³. Comecei freqüentando páginas da *internet* relacionadas aos estabelecimentos comerciais para sexo em São Paulo, bem

² Este trabalho baseia-se em minha Tese de Doutorado, intitulada “À Meia-Luz – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos”, defendida na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em abril de 2010, sob orientação da professora Dra. Maria Filomena Gregori e financiada pela CAPES (Braz, 2010).

³ Minhas idas a campo a diferentes locais comerciais para encontros sexuais entre homens em São Paulo começaram em setembro de 2006. A partir de junho de 2007, quando o foco da pesquisa já estava delimitado, o trabalho de campo passou a ser realizado exclusivamente em clubes de sexo. Ele prosseguiu até maio de 2008.

como “comunidades virtuais”⁴ que os tinham como tema principal. Além disso, passei a incursionar por páginas de busca por parceiros afetivo-sexuais⁵.

Ao longo de pouco mais de dois anos, conversei com 29 homens via MSN, sendo que com alguns deles mantive contato por quase todo o período da investigação. Ao final do trabalho de campo nos bares e clubes de sexo, realizei entrevistas gravadas com seus freqüentadores, bem como com seus empresários ou idealizadores. Alguns dos entrevistados eu já conhecia pela *internet*, outros conheci durante o trabalho de campo nos clubes⁶.

Durante o período do pré-campo, quando buscava delimitar o foco da investigação, um dado que me chamou a atenção em minhas incursões *on line* era que, na maioria dos perfis cadastrados em páginas para a busca de parceiros sexuais ou mesmo em comunidades do Orkut, os usuários buscavam conhecer “caras machos”, com postura “masculina”, sem “trejeitos” ou “afetações”. Apresentar-se como “discreto”, “fora do meio” e, sobretudo, “não efeminado” parecia ser uma maneira de se tornar mais valorizado sexual e afetivamente⁷. Tanto aqueles que se identificavam como “ativos” (penetradores) quanto os “passivos” (penetrados) nas páginas declaravam-se “não efeminados” e buscavam parceiros assim.

Esses dados me intrigaram, num primeiro momento, pela existência de uma tradição de estudos sobre as “homossexualidades” no Brasil, que remonta à década de 1980 e tem a obra pioneira de Peter Fry (1982) como referência. Tais estudos localizaram um sistema classificatório em que as práticas homoeróticas podiam ser pensadas a partir de dois modelos contrastantes. O primeiro, moderno e igualitário, remetia a homens de camadas médias que se auto-identificam como *gays* ou *entendidos*, como os cariocas estudados por Carmem Dora Guimarães (Guimarães, 2004). O segundo, de tradição e hierarquia, seria composto por homens de camadas populares, cuja auto-identificação se daria (dentre outros fatores) a partir da posição assumida nas relações sexuais. Nesse modelo, as “bichas” seriam os passivos, considerados

⁴ Estou falando aqui de comunidades do Orkut sobre locais comerciais para sexo entre homens. O Orkut pode ser caracterizado como uma rede social virtual. Uma instigante pesquisa acerca de identidades e sexualidades nele foi realizada por Carolina Parreiras (ver Parreiras, 2008).

⁵ Disponível.com e Manhunt.net.

⁶ Surgiu então a oportunidade da realização de um estágio de doutorado no Departamento de Antropología Social da Universidad Complutense de Madrid, junto ao professor Fernando Villaamil Pérez, que havia coordenado uma investigação acerca dos locais comerciais para sexo entre homens da capital espanhola, incluindo clubes de sexo. Para além de permitir a apresentação de resultados preliminares a pesquisadores/as espanhóis, essa experiência me permitiu conhecer alguns dos clubes de sexo locais e propor na Tese algumas aproximações entre esses dois contextos.

⁷ A esse respeito, ver Miskolci (2009).

homossexuais, em oposição aos “bofes”, que se valeriam de uma suposta ambisexualidade (Duarte, 2004).

Em *O Negócio do Michê*, Perlongher já lidava com tais ambivalências. Sua análise do “curioso comércio, onde os ‘normais’ aparecem prostituindo-se para os ‘desviantes’” (Perlongher, 2008: 45), não deixa de levar em conta as relações entre a apropriação da virilidade e afirmação da heterossexualidade por parte dos jovens michês que estudou, que, por meio destes recursos, não “abandonavam a cadeia discursiva da normalidade” (Ibid.: 46). No prefácio à reedição do livro, Richard Miskolci e Larissa Pelúcio nos lembram de que

“o paradoxo do negócio do sexo entre homens se desfaz quando se entende que o que se compra e vende não é apenas o corpo, mas um corpo marcado pela masculinidade nos moldes hegemônicos. Dorsos fortes, bíceps inchados, membros dilatando o jeans apertado, ícones da michetagem que Perlongher analisou, servem agora de identidades iconográficas em páginas de sites de relacionamento, onde rapazes viris oferecem seus corpos marcados pelo excesso. Uso hiperbólico que denuncia, mas que, ainda assim, pode ser lido como reverência à heterossexualidade” (Miskolci e Pelúcio, 2008: 18).

Para mim, esse uso hiperbólico parecia indicar uma dissociação entre a penetração do corpo e sua “feminização”, expressada pela quase exigência de que os “passivos” sejam tão masculinos quanto os “ativos”. Passei a me perguntar se as nuances relativas a esse “sexo entre masculinos” estariam também presentes nos locais comerciais para encontros sexuais (LCES), tal como apareciam em páginas da *internet*.

Nesse ínterim, tive acesso a um pequeno artigo publicado na Folha de São Paulo, no qual o antropólogo Sérgio Carrara interpretava os resultados de pesquisas com participantes das Paradas LGBT de São Paulo e do Rio de Janeiro⁸. O autor lembrava que, nas últimas décadas, “a emergência pública do fenômeno “gay” tem mostrado que homossexualidade masculina não é sinônimo de ‘efeminação’”. A afirmação de uma homossexualidade viril seria para muitos uma questão política, à medida que desestabiliza o paradigma da “inversão sexual”, que produz a homossexualidade masculina como resultado do “aprisionamento de suposta alma feminina em um corpo masculino”.⁹

⁸ Notadamente, uma enquete realizada pelo Datafolha na Parada de São Paulo de 2005, além da pesquisa conduzida pelo CLAM (Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos), pelo Grupo Arco-Íris e pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes na Parada do Rio de Janeiro de 2004.

⁹ Em sua bela etnografia sobre a prostituição viril na São Paulo de fins dos anos 1970 e início dos 1980, Néstor Perlongher retomou as afirmações de Pollak para lembrar que “o aparecimento no seio homossexual de uma imagem viril em oposição à imagem efeminada” está na raiz da instauração de uma “identidade homossexual” (Perlongher, 2008: 79-80).

“Para alguns, por aumentar o preconceito, a feminilidade parece politicamente incorreta nos homens. Para outros, deve ser cuidadosamente policiada pelos que se aventuram no mercado dos afetos e paixões” (Carrara, 2005).

O autor questionava no artigo até que ponto “a adequação às normas de gênero vigentes é, para muitos, o preço para ingressar no universo da cidadania ou da conjugalidade bem sucedida”. E concluía com uma indagação: “Afinal, apenas os homossexuais viris, discretos e bem comportados merecem o paraíso?” (Carrara, 2005).

Essas idéias fizeram muito sentido no início de meu trabalho de campo, quando percebi que estava observando, localizadamente, a valorização de atributos associados à virilidade e à produção do “macho” como sujeito e objeto de desejo, que são elementos implicados nos processos de materialização dos corpos e de produção de subjetividades em muitos dos contextos de circulação de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, no Brasil contemporâneo.¹⁰

Tais convenções apareceram bastante difundidas e diversamente marcadas nos locais que investiguei durante o pré-campo. Havia aí uma questão a ser investigada, que chamava a atenção por sua ambivalência: Em que medida essa valorização de atributos associados à virilidade implicava possíveis deslocamentos, ou reafirmações, de convenções de gênero?

Corpos que importam

As experiências sexuais vividas nos clubes de sexo *à meia-luz* estão não apenas norteadas por marcadores sociais de diferença, mas também pela idéia do controle dos seus “excessos”.

Proponho que uma característica do uso dos clubes de sexo masculinos é o que se pode chamar de um “descontrole controlado”, de práticas e de corpos. Nesse sentido, cabe remeter a algumas idéias Mike Featherstone em seu livro sobre consumo e pós-modernismo (Featherstone, 1995).

Para o autor, na contemporaneidade a movimentação por espaços urbanos ou o vivenciar dos parques temáticos e museus implica um “descontrole controlado das emoções”.

¹⁰ Ver a respeito Braz, 2007 A; 2007B; 2007C; 2008; 2009A e 2009B; 2010; Santos, 2007; 2008; Sívori, 2002, 2006; França, 2009; 2010.

“As imagens podem evocar prazeres, perturbações, carnavalização e desordem, mas é necessário ter autocontrole para vivenciá-las; a vigilância furtiva das câmeras de controle remoto e dos guardas de segurança está à espreita daqueles incapazes de se controlar” (Featherstone, 1995: 45).

O efeito do “descontrole controlado” fica mais claro em sua análise das feiras medievais. O autor propõe pensarmos tais eventos em um duplo aspecto – enquanto espaços abertos de mercado e também de prazer – locais, festivos, comunais, “desligadas do mundo real”. Sua intenção é relativizar a singularidade e os efeitos transgressivos de experiências possivelmente “desestruturadoras” na pós-modernidade. De todo modo, segundo ele, “atualmente, feiras de diversões e parques temáticos, como a Disneylândia, ainda conservam esse aspecto, embora de forma mais controlada e segura, oferecendo ambientes protegidos para o descontrole controlado das emoções, nos quais se permite aos adultos comportarem-se novamente como crianças” (Featherstone, 1995: 114).

De acordo com Júlio Simões, a relevância do autor está em assinalar a possibilidade de pensarmos como o consumo tem um efeito importante na expressão de “individualidades” e “projetos de vida” na contemporaneidade – a chamada “sociedade de consumo”, ao invés de massificar e uniformizar gostos e estilos, produz um jogo complexo de diferenças e distinções sociais (Simões, 1995).

Existe uma relação atualmente problematizada em pesquisas realizadas no Brasil entre processos de segmentação e conformação de estilos e identidades associadas ao consumo, por um lado, e as possibilidades de experimentação e ampliação de etiquetas e convenções sexuais em um mercado contemporâneo de bens eróticos em franca expansão. De acordo com Maria Filomena Gregori, é estratégico investigar as práticas e as dinâmicas que envolvem os erotismos contemporâneos em meio ao mercado, pois “nesse cenário, reúnem-se atualmente experiências e práticas que alternam, de modo complexo, esforços de normatização e também de transgressão” (Gregori, 2010).

Ao pensar a relação entre consumo e o que se chama de limites da sexualidade, Gregori reporta-se à análise empreendida por Peter Fry, que analisou o recente mercado de produtos de beleza para a população negra no Brasil não como um resultado linear das demandas de uma classe média negra, mas também como constituinte de sua formação (Fry, 2002). Nesse sentido, arrisco que o consumo nos e dos clubes de sexo

masculinos paulistanos diz respeito não simplesmente às demandas de seus clientes, mas também em certo sentido cria essa demanda¹¹.

Cabe indagar, então, sobre que está sendo consumido nos clubes de sexo masculinos, a não ser a possibilidade de “sentir-se num filme pornográfico”, como me disseram alguns dos entrevistados. É interessante buscar problematizar como convenções sociais e marcadores de diferença são acionados nesse processo e seus possíveis efeitos no que diz respeito à constituição contextual de subjetividades e corporalidades.

Controlando o descontrole

A bibliografia que trata dos clubes de sexo norte-americanos e europeus de meados dos anos 1960 a 1980 aponta para o fato de que o suposto uso exagerado de drogas recreativas ilícitas, bem como o suposto não-uso de preservativos, foram elementos-chave nas campanhas para que eles fossem fechados, no início dos anos 80 (Rubin, 1991; Bolton, 1995; Levine, 1998; Brodsky, 2008). Minha intenção é a de abordar tais temas na medida em que sejam relevantes para os questionamentos aqui levantados. É nesse sentido que algumas falas de entrevistados acerca do uso de drogas recreativas e de preservativos ajudam nas interpretações aqui propostas.

Todos os estabelecimentos pesquisados trazem como norma a proibição do uso de drogas recreativas “ilícitas”. Já nas suas páginas de *internet* esse aspecto é enfatizado, aparecendo também nas conversas com seus idealizadores.

Quando fala sobre os “clones”¹² dos anos 1970 nos Estados Unidos, Levine ressalta o quanto o uso de drogas recreativas lhes era importante. A sociabilidade “clone” estava baseada, de acordo com o autor, em quatro grandes tópicos: “*disco, drugs, dish and dick*”. Com relação às drogas recreativas, incluíam maconha, álcool, cocaína e *poppers*¹³. Este era tido pelos “clones” como afrodisíaco ao sexo e dava energia para dançar (Levine, 1998: 71).

¹¹ Essa questão é bem trabalhada por Isadora Lins França que, em sua pesquisa de Doutorado, tem discutido processos de subjetivação mediados pelo consumo entre homens que se relacionam afetivo/sexualmente com outros homens, a partir de diferentes lugares de frequência deles na cidade de São Paulo (França, 2010). Sobre essa questão no tocante a mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres em São Paulo, ver Facchini (2008).

¹² Segundo o autor, “homens *gays* hipermasculinizados e hipersexualizados que viviam em grandes centros urbanos nos Estados Unidos”. Os “clones” modelaram-se tanto por imagens e estereótipos associados à masculinidade “tradicional” heterossexual, quanto pela busca de auto-realização no sexo anônimo, no uso de drogas recreativas e nas festas de arromba (Levine, 1998: 7). O clone era “o mais masculino dos homens”, mas buscava sexo com outros homens.

¹³ Inalantes de nitrato de amilo. Vem em pequenos frascos cuja ponta é “*popped off*” (estala ao abrir) para se inalar a química (Levine, 1998).

Alguns dos meus entrevistados falaram sobre o uso do *poppers* e de outras drogas recreativas (sobretudo maconha, mas também cocaína) em contextos sexuais. Embora parte deles tenha relatado já ter utilizado *poppers* ou terem visto outras pessoas o fazendo nos clubes de sexo, chama a atenção que, na quase totalidade das falas, esse uso seja remetido a encontros sexuais privados.

O uso de álcool, ao contrário, é bastante enfatizado nas entrevistas e, em campo, eu também pude perceber que o consumo de bebidas alcoólicas é bastante presente, sobretudo na área mais “social” dos clubes, o *american bar*.

Para os entrevistados, contudo, mesmo o consumo do álcool implica, ou deveria implicar, um certo *controle* – é esperado que se beba, sobretudo na área do bar, mas não se deve beber “demais”. Várias das falas sugerem que ficar muito bêbado é um dos fatores que fazem que alguém seja “rechaçado” nos clubes de sexo. E quase todas as falas que remeteram a experiências desagradáveis vividas nesses locais reportaram-se ao assédio por parte de alguém que bebera além da conta. O “saber comportar-se” nesses estabelecimentos inclui o “saber o quanto beber”.

Quanto aos preservativos, todos os estabelecimentos investigados os disponibilizam para seus clientes. Eu ganhava camisinhas já na entrada quando ia a campo – algumas vezes incluindo sachês de gel lubrificante.

Para os colaboradores da pesquisa, embora haja nos clubes de sexo pessoas que não utilizem preservativos na penetração anal, esse não é o comportamento da maioria de seus frequentadores. A exceção se dá quanto ao uso de preservativos no sexo oral.

Mestre¹⁴ foi um dos poucos entrevistados que se afirmou *barebacker*¹⁵ e disse que, em clubes de sexo, há outras pessoas que, como ele, não utilizam preservativos.

“São os putos, são os transgressores, sabe? A maioria, muitos curtem *bare*. Quero dizer, *barebacking*. Entendeu? Então, não é aquela coisa convencional, normalzinha... rola bastante, aqui no Brasil rola bastante.

[Você disse que se considera *barebacker*, certo?]

Sim

[Você acha que isso se reflete nos clubes?]

É, há bastante gente que usa camisinha... mas há bastante gente que gosta mesmo sem...

[E, se não for muito invasivo eu te perguntar sobre isso, como é que foi que você, é...]

Cara, é uma questão muito assim, é... vou ser bem sincero com você, meu pau broxa quando eu boto camisinha”.

[Mestre, 36 anos, Rio de Janeiro]

¹⁴ Os nomes aqui utilizados foram inventados, a fim de manter o anonimato dos colaboradores.

¹⁵ Segundo Esteban Garcia (2009), o termo *barebacking* é de origem hípica e significa “montar a pêlo”. Começou a ser utilizado nos anos 1990 como referência ao sexo sem preservativos, cada vez mais associado ao não-uso intencional e contínuo de preservativos nas práticas sexuais entre homens. Recentemente, vem ganhando conotações que superam o sentido meramente comportamental, e há quem afirme que o termo *barebacker* vem se constituindo como marca identitária, especialmente nos Estados Unidos e Europa.

Contudo, mesmo Mestre, ou os poucos outros entrevistados que, embora não se dizendo *barebackers*, relataram ter vivido experiências sexuais sem o uso de preservativo alguma(s) vez(es), reportaram-se em geral a experiências vividas fora dos clubes de sexo – seja em motéis, seja em encontros privados. Como é o caso de Lauro.

“[E quanto ao uso de camisinha?]

Uso.

[Você acha que as pessoas em geral usam?]

Olhe, veja bem. Eu acho que a maioria ainda usa sim. Mas, eu tenho visto uma incidência cada vez maior dos que não usam e de propostas para não usar. Isso eu tenho visto. De querer já ir fodendo sem usar e aí você tem que falar, ‘não, vou botar a camisinha’, então...

[você usa sempre, mesmo para sexo oral você usa camisinha?]

Não.

[Mas penetração...]

Sim. Olhe, geralmente, os mais novos... acho que eles não viveram o horror que eu vivi. Eles geralmente têm menos medo. Às vezes, até eu me sinto um pouco tentado a não usar, porque assim parece que vai ficando um sonho distante. Dá-se a impressão de que a aids não é mais o monstro, né? Que ela já foi um dia, e parece que a gente vai esquecendo...

[Mas você já chegou a não usar, por exemplo...]

Já, já. Foi num... num motel, não foi em clube”.

[Lauro, 47 anos, São Paulo-SP]

Uma fala que percebi bastante recorrente, tanto entre os usuários quanto entre os proprietários dos clubes de sexo, é a de como os próprios freqüentadores acabam ajudando em certo sentido a “vigiar” o uso de preservativos e mesmo de drogas recreativas ilícitas. Em campo, várias vezes colaboradores meus vieram me contar quando viam alguém propondo, ou efetivamente “transando sem camisinha”. Uma espécie de “controle comunitário” (Facchini, 2008) que, nas palavras dos donos dos clubes, os “freqüentadores mais assíduos ajudam a exercer”.

A minha questão aqui não é saber se o uso de preservativos é ou não freqüente nos clubes de sexo, ou compreender quais seriam os fatores contextuais que levariam ou não a esse uso. Essa questão escapa ao escopo desta pesquisa. Meu objetivo é o de apontar como as falas sobre o uso de preservativos, assim como de drogas recreativas ilícitas ou mesmo de álcool, assinalam que essas práticas estão sujeitas a uma espécie de “controle”, de “vigilância” do ponto de vista de seus “excessos”.

O significado desse controle, no limite, é dotar os clubes de um sentido de legitimidade, como um mercado erótico possível, *viável*. Nesse sentido, posso arriscar aproximações entre esta pesquisa e a que realizei no Mestrado, na qual apontei, à luz de dados etnográficos, como entre os/as adeptos/as, entusiastas e profissionais da “body-

modificação” na cidade de São Paulo havia uma valorização discursiva profusa em torno das idéias de higiene e assepsia, bem como do necessário aprendizado e uso de uma série de técnicas e instrumentos, como elementos importantes para a legitimação desse universo enquanto campo profissional (Braz, 2006). Nesse sentido também, as idéias da antropóloga Maria Filomena Gregori sobre os limites da sexualidade e o erotismo politicamente correto são inspiradoras¹⁶. Ao analisar um *sex-shop* idealizado por lésbicas em São Francisco, ela chama a atenção para o processo de criação de um erotismo “politicamente correto”, protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais, nos EUA. Segundo a autora, estaria em curso um deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do *self*. No que diz respeito às práticas sado-masoquistas, a autora percebe uma espécie de neutralização ou domesticação dos seus traços e conteúdos possivelmente “violentos” (Gregori, 2010: 172).

Essas idéias ajudam a pensar o *controle* dos “excessos” em clubes de sexo masculinos no que diz respeito àquelas práticas que evocariam certa idéia de *descontrole* – uso de drogas recreativas ilícitas, de álcool, de preservativos.

Nos clubes de sexo, aquelas práticas e experimentações sexuais que lidam com a idéia de *limites*, como o *fist-fucking* (penetração pelo punho) e outras práticas relacionadas ao BDSM¹⁷, são objeto de aprendizados corporais específicos e bastante refinados. Os entrevistados pormenorizaram em nossas conversas o quanto existe uma série de técnicas e instrumentos cujo manejo deve ser aprendido para que se possa praticá-las de modo “seguro”. A idéia de consensualidade entre os praticantes é a regra

¹⁶ “Pretendo avaliar em que medida as mudanças de paradigma afetaram os debates sobre violência e gênero, bem como apontar suas conexões e articulações com concepções sobre a sexualidade e, em particular, sobre o erotismo. Ao examinar a literatura feminista encontrei uma das convenções que, a meu ver, ilustra bem as possibilidades e paradoxos da conexão entre esses termos: o erotismo, olhado da perspectiva de gênero, constitui prazer e perigo (Vance, 1984). Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, o abuso e o espancamento, na medida em que são fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade. Prazer porque há na busca de novas alternativas eróticas uma promessa de transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício de reprodução. Proponho chamar essa zona tensa e relacional entre prazer e perigo de “limites da sexualidade”. Tais limites indicam um processo social bastante complexo relativo à ampliação ou restrição de normatividades sexuais. Em particular, sobre a criação de âmbitos de maior tolerância e novas normas que vão sendo impostas, bem como de situações em que aquilo que é considerado abusivo passa a ser qualificado como norma. A maior contribuição da antropologia tem sido a de apontar que essa fronteira é montada por hierarquias, considerando-se a multiplicidade de sociedades e de culturas, o que também se dá pela negociação de sentidos e significados. Estes resultam, por sua vez, na expansão, restrição ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis, além daquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou de punição criminal.” (Gregori, 2010:21-22).

¹⁷ Segundo Facchini (2008: 55), a sigla BDSM refere-se a pelo menos três conjuntos de práticas de conteúdo erótico: “bondage e disciplina”, “dominação e submissão”, “sadismo e masoquismo”. A esse respeito, ver também Zilli (2007).

mais enfatizada e valorizada. Um exemplo pode ser obtido a partir da fala de José sobre o *fist-fucking*.

“Você pode ter um Mestre que goste de fistar o seu Escravo como uma... punição, como um lance de punição. Só que é uma punição mentirosa, né? Porque, na realidade, o Escravo vai curtir ser fistado, e ele vai ser preparado para isso... o Mestre vai... preparar a pessoa que vai ser fistada de modo adequado

[Como é que é essa preparação?]

Para *fisting*?

[É...]

Há muita gente que prepara o outro para *fisting*, mas é uma preparação que é assim... é demorada, você tem que ter uma certa constância, você precisa ter uma certa vontade, por exemplo, não só para quem vai preparar, como para quem vai ser preparado. Porque você vai fazendo uma dilatação anal. Você vai ter que começar é com 1 dedinho, 2 dedinhos, 3 dedinhos, 4 dedinhos

[Entendi...]

Um pouco mais pra lá, um pouco mais pra cá, o ânus é uma coisa que... o ânus é um lugar delicado. Existem pessoas que são profundas e estreitas. Ou que não tem uma dilatação tão grande. Há pessoas que são, têm uma facilidade de dilatação maior, mas são rasas, você não tem muita profundidade nelas. E há pessoas que conseguem ser profundas e largas. De que vai depender? Parceiros confiantes e parceiros ótimos, se você tem uma ossatura muito estreita no quadril que pega a região do ânus e também se você vai conseguir ser muito dilatado. E depende também de como você se preparou durante esse período, como é que é sua...o seu organismo. Há pessoas que são profundas, há pessoas que não são profundas, entendeu? Há pessoas que agüentam duas mãos, que é o *double fisting*, ou, então, até o pé, e há gente que não, não agüenta. Então, você pode preparar uma pessoa para *fisting* através dessa coisa de ser constante, toda semana. Então a pessoa vai se preparando através de dildos. Eu só consegui uma dilatação maior depois de Amsterdam, em que eu estive em 2000. Com aquele dildo inflável, não sei se você já viu um dildo inflável...

[Já vi na *internet*...]

Então, isso vai aos poucos... você vai dilatando, aumentando a cavidade anal.

Foi uma época que eu fazia o treinamento com o dildo, entendeu? Você se treina pra o *fist-fucking*”.

[José, 53 anos, São Paulo]

Além das técnicas relativas ao treinamento corporal para poder praticá-lo, os entrevistados adeptos do *fisting* também ressaltaram muito a necessidade da utilização de luvas cirúrgicas e de lubrificantes na sua realização, “para evitar lesões”. Em campo, em todas as vezes nas quais pude observar pessoas sendo “fistadas” nos clubes, tanto as luvas quanto os lubrificantes foram utilizados.

O *controle* das práticas potencialmente *descontroladas* nos clubes de sexo para homens de São Paulo pode ser interpretado como uma maneira de esses estabelecimentos adquirirem inteligibilidade e legitimidade – tornarem-se *possíveis*. Isso não significa que não se possa pensar na idéia de “transgressão” como ampliação de normatividades eróticas a partir desses estabelecimentos. Mas, essa transgressão é *controlada*. Assim, como os “excessos” dos e nos corpos.

“Nem toda nudez será castigada”¹⁸

A partir de minhas observações de campo e também das entrevistas com os colaboradores da pesquisa, ressalta-se a interpretação de que, para ser desejado (“fazer sucesso”, “se dar bem”) nos clubes de sexo é preciso que se tenha um “corpo proporcional à altura”. Nesse sentido, marcas corporais associadas à idade e mesmo à obesidade são também contextualmente relevantes na constituição dos seus “corpos que importam” (Butler, 2002).

Nos clubes de sexo, são todos “masculinos”. Mas o que isso me “diz”? Homens que preferem outros com “jeito de homem”, não “afetados”, não “efeminados”. Quanto mais “masculino”, menos “viado” ou “bicha”, mais sucesso se terá. Maior será o assédio. Essa masculinidade é performatizada. Repetidamente. Segundo meus colaboradores, não importa se alguém é “masculino” ou não fora dali: lá dentro todo mundo “faz a linha de macho”. Mas a questão é a de que não se trata apenas de aparentar virilidade. Alguém que é alto, bonito, chama a atenção também. Se ele, além disso, for forte, musculoso, “sarado”, vai ter mais gente ainda. Se além de alto, forte, bonito, bem cuidado (um exemplo são os pêlos corporais – alguém “que se cuida” os mantém aparados), ele for bem dotado, quase todo mundo vai atrás dele. E se, além de alto, forte, bonito, bem cuidado, de aparência jovem e bem dotado ele ainda por cima tiver uma postura (jeito de andar, de falar) viril, com certeza ele estará de pé, em cima da cama coletiva, com sete ou oito homens agachados em sua volta, a seus pés.

Muitas das entrevistas enfatizam a noção de que, nos clubes de sexo, os “corpos que mais importam” são os mesmos de outros contextos de sociabilidade e “caça” entre homens: jovens, bonitos, bem-dotados, másculos... Contudo, percebi que essa reiteração de convenções tem nuances. A valorização desses atributos corporais nesses ambientes não implica que todos tenham de ser “deuses gregos”, como costumava me dizer um dos colaboradores. A idéia é muito mais de controle corporal no sentido de seus “excessos” – exatamente como quando eles se reportam às práticas potencialmente “descontroladas”. Expressões superlativas, como “*muito gordo*”, “*muito barrigudo*”, “*muito velho*”, “*muito efeminado*” foram largamente utilizadas para descrever aqueles que não “fazem sucesso” algum nesses estabelecimentos. Assim como as práticas que evocam *descontrole*, os corpos também precisam estar *controlados* do ponto de vista de seus *excessos* nos clubes de sexo masculinos para que sejam *desejáveis*. Há, pois, um controle das práticas corporais e da gramática corporal, lidando com *limites*.

¹⁸ O subtítulo brinca com o título da peça de Nelson Rodrigues, *Toda Nudez Será Castigada*, de 1965.

Como num filme pornô

A grande maioria dos colaboradores da pesquisa ressaltou, ao falar sobre suas preferências eróticas, que preferem homens “masculinos”, utilizando-se de uma série de atributos e características estereotípicas para explicar o que seria essa “masculinidade”. Além disso, a percepção geral é a de que esse é um mercado voltado para homens interessados em sexo com outros homens tidos como “masculinos”, “machos”.

O gênero aparece aqui então como mais um marcador a informar a inteligibilidade dos sujeitos e dos “corpos que importam” nos clubes de sexo estudados, na chave que venho propondo, que é a do controle das práticas corporais. Os corpos estão aqui controlados do ponto de vista do gênero – os “excessos” a serem contidos aqui são aqueles que possam evocar “efeminação”.

Muitas vezes, os colaboradores reconheciam o quanto o rechaço da figura do “efeminado” não deixa de soar preconceituosa. Mas, em geral, justificavam sua preferência pelo fato de estarem tratando de “tesão”. Como se, em se tratando de desejo, não pudéssemos imaginar um âmbito social e culturalmente informado. Do ponto de vista das teorias inspiradas em Foucault, contudo, o desejo existe também “dentro dos discursos que o nomeiam”. É possível pensar que ele é discursivamente construído como algo inefável (não dito, não verbalizável, impossível de ser posto em discurso, anterior mesmo a ele). E que esse processo tem mais a ver com relações de gênero do que usualmente se supõe.

No prefácio à edição de 1979 de *Mother Camp*, em que analisa os anos transcorridos desde a realização de sua pesquisa de campo sobre o “camping” e as *drag queens* nos Estados Unidos, Esther Newton escreveu sobre o então recente surgimento dos “clones” estudados por Levine (1998) e dos *leathers*.

“Nos últimos dez anos tem havido uma enorme luta dentro da comunidade *gay* masculina para acabar com o estigma da efeminação. O seu resultado mais visível foi uma mudança de estilos efeminados para estilos masculinos. Sublinhe a palavra *estilo*. Enquanto há dez anos as ruas de *Greenwich Village* estavam abarrotadas de pulsos desmunhecados e olhos maquiados, agora se vê uma parada de garotos jovens com a cabeça raspada, jaquetas de couro, e bigodes bem aparados. “*Sissies*” estão fora. Inevitavelmente, e tristemente, o desejo de ser masculino, perseguido acriticamente – apenas algumas almas no deserto clamou por uma análise feminista – levou à proliferação de caubóis mal-imitados, falsos lenhadores, e (o mais sinistro) imitações dos *Hell’s Angels*, da polícia e mesmo das *storm troopers*¹⁹. A multidão S/M, antes um subgrupo marginal e pequeno, é agora criadora de moda; seu estilo e, em escala menor, sua sexualidade capturaram a imaginação *gay* masculina” (Newton, 1979: XIII).

¹⁹ A autora refere-se às tropas estelares do filme Guerra nas Estrelas.

A postura de Newton sobre ecoa uma primeira possibilidade interpretativa para o “gay macho”. Num artigo em que revisa parte da produção em torno dos “clones” dos anos 1970, Tim Edwards aponta como tanto a questão da sua “hipermasculinidade” quanto de sua “sexualidade exacerbada” geraram muitas controvérsias acadêmicas. Segundo o autor, as feministas “radicais” tendiam a enfatizar os “clones” como exemplares de uma “reiteração” de normas hierárquicas de gênero (Edwards, 2005).

Existem chaves de interpretação para a apropriação de estereótipos relacionados à virilidade por parte de homens *gays*. Ela pode ser pensada como “reiteração” de normas hierárquicas de gênero. Arrisco que essas interpretações possam ser relacionadas à idéia de “dominação masculina”, tal como formulada por Pierre Bourdieu (2000).

No seu livro, Bourdieu afirma a “dominação masculina” como um tipo de “violência simbólica” paradoxal, “insensível e invisível às suas vítimas”, que se perpetua transformando uma “arbitrariedade cultural” em algo que pode ser tomado como “natural”. Retomando o debate de inspiração feminista entre natureza e cultura²⁰, Bourdieu pretende mostrar como não é a natureza que determina a forma que a cultura toma, mas sim apontar o modo cultural como se constrói essa natureza enquanto essência da cultura. A “dominação masculina” se daria pela legitimação de uma relação de dominação a partir da inscrição em uma natureza biológica que é em si mesma uma construção social naturalizada. É a naturalização das dissimetrias baseadas no gênero que faria da “dominação masculina” algo aparentemente universal, compartilhado tanto por seus “algozes” quanto por suas “vítimas” (Bourdieu, 2000). Nesse sentido, o trabalho parece aproximar-se de certo modo das discussões realizadas pelas teóricas pós-estruturalistas, que questionam que o gênero possa ser pensado como uma interpretação cultural do sexo, uma vez que mesmo este último é culturalmente constituído enquanto “natural”. Mas não é bem isso que o autor faz, como lembra Mariza Corrêa²¹.

²⁰ Muito embora sem mencionar as autoras feministas que o levantaram, como bem lembra Mariza Corrêa: “De fato, o campo de estudos feministas só merece esses dois tipos de menção de Bourdieu: ou as feministas não sabem o que fazem — e esse livro foi escrito para mostrar-lhes o caminho da verdade —, ou estão tão contaminadas pela lógica da dominação masculina que suas análises são simples réplicas do mesmo esquema classificatório de sempre” (Corrêa, 1999: 47).

²¹ “Ignorando todos os trabalhos de pesquisa empírica ou de reflexão teórica feitos pelas feministas contra a hegemonia e a homogeneidade da dominação masculina — e, aparentemente, esquecendo seu próprio trabalho de desmistificação da relação entre homens na sociedade Cabila no que diz respeito aos arranjos de parcerias conjugais, que aparecem, *de fato*, na sua análise, como uma relação entre mulheres que aparecia *como se* fosse feita entre homens —, Bourdieu passa quase sem transição da análise de uma dominação que é *social* para uma dominação que é *masculina* e, dessa, para um modo de dominação no qual o *sexo* do dominante é determinante: homens e mulheres

Com relação às apropriações da “virilidade” por parte de “homossexuais”, Bourdieu assume no livro uma postura que parece bem próxima à das feministas “anti-pornografia”, como Catharine MacKinnon (a quem o autor tece, inclusive, elogiosas considerações na obra). Segundo ele, os próprios homossexuais aplicam-se muitas vezes os princípios da “dominação masculina”. Assim como as lésbicas muitas vezes reproduzem papéis masculinos e femininos nos casais, e, além disso, “levam às vezes ao extremo a afirmação de virilidade em sua forma mais comum, sem dúvida como reação contra o estilo ‘efeminado’, anteriormente dominante” (Bourdieu, 2000: 145).

De acordo com Mariza Corrêa,

“Reproduz-se aqui a mesma lógica da crítica dirigida às teóricas feministas: se os homossexuais são “viris” é porque incorporaram “disposições” do *habitus* dominante quando foram socializados como heterossexuais, distinguindo-se, assim, das categorias dominadas — efeminadas; se são “efeminados” é porque, além de incorporarem essas disposições, aplicam-nas a um corpo que lhes apareceria, de repente, como alheio (o seu) e agora parte da categoria dominada na relação M/f. Não há como escapar das armadilhas do *habitus* dominante — tautologicamente, ele domina sempre” (Corrêa, 1999: 50).

Uma segunda possibilidade interpretativa para a valorização de estereótipos da virilidade em clubes de sexo masculinos é a que, ainda que reconhecendo sua relação com convenções de gênero (e, portanto, fundamentalmente com relações de poder), pensa suas apropriações como possíveis deslocamentos performativos em relação às normas socialmente difundidas de gênero (Butler, 2003). Nesse sentido, algumas idéias pós-estruturalistas podem fornecer algumas bases para a problematização.

Ao invés de separar rigidamente o “clone macho” da estética “*camp*” estudada por Esther Newton entre as *drag-queens*, Levine aponta a apropriação de estereótipos masculinos entre os “clones” por ele estudados como uma espécie de “*camp*” também — em sua apropriação consciente de signos tradicionalmente “masculinos”, eles expressariam referências quase “parodísticas” da masculinidade tradicional estereotipada, ao mesmo tempo em que abraçavam o estereótipo. Mais uma vez, a ambivalência: “O estilo clone era ao mesmo tempo paródia e emulação (Levine, 1998: 59)”.

voltam à cena textual esquecidos de sua origem Cabila ou ocidental, das distinções de classe, ou outras, como *homens e mulheres*” (Corrêa, 1999: 45).

“Na sua tentativa por definir-se como masculinos, homens *gays* elegeram uma ideologia de masculinidade relacionada aos atributos físicos e à estética do trabalhador braçal – um *look* associado ao homem “Marlboro” (Halkitis, 2000: 132).

Essa idéia ganha mais força quando levamos em consideração que a sociabilidade nos clubes estudados não é restringida ao sexo e à “caça”. Há certa separação entre a “área do bar” e os espaços que poderíamos denominar como “área de práticas” nesses estabelecimentos. De acordo com Levine, em situações que não eram de “caça” sexual (*cruising*), os “clones”, frequentadores dos clubes de sexo *leather*, abandonavam a postura hipermasculina que, de seu ponto de vista, os singularizava, manifestando falas “tipicamente *camp*”: uso de nomes e pronomes no feminino, por exemplo. Nos momentos de “caça”, contudo, suas maneiras de comportar-se expressavam sinais tipicamente masculinos – “distância espacial, inexpressividade facial, falar grosso” (Levine, 1998: 82).

Percebi em campo que nos clubes de sexo paulistanos opera uma separação parecida. No bar, nem sempre se “faz a linha de macho”, como disse um dos colaboradores da pesquisa. A própria idéia do “fazer a linha” implica numa certa noção de “teatralidade”. As falas de muitos entrevistados evocam a idéia de que a valorização da virilidade nos clubes de sexo teria muito a ver com certa noção de “fantasia”²².

Não se trata, necessariamente, da perspectiva de meus colaboradores, de afirmar uma “essência” masculina estável, mas de “performá-la”, ou de acionar, em situações eróticas, justamente aqueles atributos que possam ser lidos como *viris* do ponto de vista “hegemônico”.

Levine notava como nos locais de sexo por ele estudados em Nova Iorque, nos anos 1970-80, a sociabilidade era minimizada – as conversas ocorriam no bar dos clubes de sexo e nas áreas comuns das saunas, mas os homens estavam ali “primordialmente para caçar” (Levine, 1998: 82). E caçavam em silêncio. Rubin também ressaltou, ao falar sobre a Catacombs, clube de sexo notório na São Francisco dos anos 1970, o quanto nas suas salas “de práticas” imperava o silêncio, numa aura que beirava a ritualística (Rubin, 1991).

Todos os clubes de sexo masculinos de São Paulo contam com ambientes “à meia-luz”, destinados ao sexo e à “caça”, nos quais o clima é de penumbra e o silêncio

²² “Falar de cultura é falar de sentido. O sentido se constrói, com frequência, a partir de referentes imaginários. Há algo mais imaginário e, por extensão, mais cultural que a fantasia? Pois então. A fantasia é um dos fatores que permitem aproximar-se cultural e socialmente do BDSM; reflete imaginários culturais e se erige nele enquanto complemento para o estabelecimento de dinâmicas de papéis” (Viñuales, 2008: 14).

imperava, sendo que os únicos sons percebidos vêm dos filmes nos televisores, da música nas caixas de som e, principalmente, dos gemidos e sussurros. Há uma dinâmica de “caça”, *cruising* transposta para esses locais, numa busca incessante por outros corpos para tocar e se deixar tocar. A troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido. Perlongher (2008) já dizia que não há melhor maneira de “estudar o *trottoir*”, senão “fazendo *trottoir*”. Eu, que não estava “caçando” nos clubes, tive de aprender a me comportar neles para “negar” os flertes de modo “correto”. Percebi que os clubes de sexo também têm, parafraseando Leandro de Oliveira, seus próprios “gestos que pesam” (Oliveira, 2006). Para utilizar a metáfora êmica do “sentir-se num filme pornô”, eu diria que quando dois os mais se juntam e iniciam uma “cena” (seja de penetração, de sexo oral, de masturbação), outros param ao seu lado. Algumas vezes, entram nela. Também é possível que, dali, outras duplas e grupos se formem, conformando outras “cenas”.

A possibilidade de participar de uma “cena” ou de ser seu mero espectador é dada, em linhas gerais, pela maneira como alguém é ou não inteligível enquanto “desejável”. Pelas falas dos colaboradores de pesquisa, pode-se sugerir que essa “desejabilidade” é informada, grosso modo, pela aparência, pelos atributos corporais e pela postura mais ou menos “masculina”. Os sujeitos que participam efetivamente das cenas de sexo nesses clubes são aqueles inteligíveis dentro de reiteradas convenções que criam um sujeito de desejo “macho”, materializadas num corpo que além de masculino seja atraente, desejável. Os demais são como *voyeurs* compulsórios, participam observando, como uma espécie de platéia.

Nas salas de “silêncio, suor e sexo” dos estabelecimentos pesquisados, uma espécie de “hiper-masculinidade” é performatizada, reiterada e, também, “corporificada”. Um sujeito “hiper-masculino” de desejo é atuado corporal e gestualmente nesses contextos. Mais uma vez, é possível utilizar a idéia de controle. Os atos corporais são controlados nas salas de sexo para que a postura (ou a “atitude”) evoque “virilidade”.

Para finalizar, uma cena de campo talvez seja aqui bem-vinda. Eu estava num dos clubes, num sábado à noite, perambulando entre a área do bar e o andar de cima, onde fica o corredor com suas cabines. Alguns homens estavam encostados na parede, na penumbra esfumaçada pelos cigarros. As pernas dobradas na parede e sua postura remeteram-me aos michês retratados por Perlongher em sua etnografia, “mais machos

que o mais homossexual dos homens, caricatos em sua masculinidade” (Perlongher, 2008: 100).

Ao pensar nos possíveis efeitos do mercado contemporâneo de bens eróticos, notadamente dos *sex-shops* frequentados majoritariamente por mulheres de camadas médias e altas na cidade de São Paulo, Gregori salienta algo que pode ser pensado, em termos de gênero, como uma espécie de desestabilização.

“Através da comparação com a imagem do que representa a prostituta brasileira em cenário transnacional (e, em particular, aquilo que foi observado na Espanha) – a de que a brasileira, diferente das outras latino-americanas ou das mulheres do leste europeu, é valorizada por ser “carinhosa, doce e dócil” (Piscitelli, 2005) – parece que essas fronteiras estão mesmo sendo nubladas: a mulher de classe média homossexual está gostando de parecer ser “puta”, enquanto a prostituta parece querer ser uma espécie de “Amélia”” (Gregori, 2007: 11).

Interessante chave interpretativa: em certo sentido, os frequentadores dos clubes de sexo utilizam-se dos mesmos atos corporais dos quais se valiam os michês estudados por Perlongher nos anos 1980 para evocar virilidade. A diferença é que não se trata mais de michês, mas de homens “fantasiando estar num filme pornô”.

É possível, talvez, apontar a performatividade de estereótipos de gênero em clubes de sexo masculinos como práticas potencialmente subversivas, ao expor “o masculino” também como uma espécie de *pastiche*. Ainda que construído em torno de convenções de gênero socialmente difundidas a respeito da masculinidade, o “macho *versus* macho” poderia ser tomado como um exemplo de subversão performativa (no sentido de atos corporais potencialmente subversivos) das normas de gênero. A ambivalência em sua tensão, contudo, permanece.

Considerações finais

Quando nomeei minha etnografia “à *meia-luz*”, estava obviamente me reportando ao fato de que a iluminação convencional nos clubes de sexo masculinos é a penumbra. O que é mais interessante na experiência dela é perceber como a sensação da escuridão inicial, ao nela entrarmos, modifica-se à medida que a vista se acostuma, quando os contornos sombreados transformam-se em imagens reconhecíveis. Esta investigação partiu de um possível problema – a valorização de estereótipos de virilidade em clubes de sexo *gays* implica re-afirmação ou deslocamentos de convenções de gênero? – e terminou com uma ambivalência – a resposta a essa questão depende, no limite, do modo como conceituamos as relações de gênero e seus possíveis

efeitos. Certamente, é possível “acender a luz” e enxergar, nas salas de sexo dos clubes masculinos, a reiteração de normas hierarquizantes de gênero. Mas também é possível permanecer na penumbra, iluminando algumas de suas partes e questionando se, afinal de contas, essas práticas *à meia-luz* não podem vir a ser potencialmente desconcertantes de suas próprias convenções.

Referências Bibliográficas

- BOLTON, Ralph. “Tricks, friends and lovers – erotic encounters in the field”. In: Kulick, Don; Willson, Margaret. *Taboo – Sex, identity, and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. London and New York: Routledge, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *La Dominación Masculina*. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da Pele – um olhar antropológico sobre a body-modification em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2006.
- _____. “Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. In: *Cadernos Pagu* (28). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007A.
- _____. “Nem Toda Nudez Será Castigada - sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo”. In: *Ponto.Urbe* (01). São Paulo: Núcleo de Antropologia Urbana (NAU)/USP, 2007B. [online]. Disponível em www.n-a-u.org/Albuquerque2007.html. Acesso em 26 mar. 2008.
- _____. “Corpo a Corpo: notas sobre uma etnografia imprópria”, In: *Revista Artêmis* (07). João Pessoa: UFPB, 2007C. [online]. Disponível em www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero7/artigos/artigo_13.pdf. Acesso em 26 mar. 2008.
- _____. “Men Only: miradas antropológicas sobre clubes de sexo para hombres em São Paulo/Brasil”. In: *Quaderns-e* (11). Barcelona: l’Institut Català d’Antropologia, 2008.
- _____. “Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens”. In: *Revista Bagoas* (03), Natal: UFRN, 2009A.
- _____. “Machos a la Media Luz: miradas de una antropología impropia”. In: *Revista AIBR* (4). Madrid: Asociación de Antropólogos Iberoamericanos en Red, 2009B.
- _____. *À Meia-Luz – uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2010.
- BRODSKY, Joel I. “El Mineshaft: una etnografía retrospectiva”. In: Weinberg, Thomas S. (ed). *BDSM – Estudios sobre la dominación y la sumisión*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2008.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan – Sobre os limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós, 2002.
- _____. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, Sérgio. “Só os viris e discretos serão amados?”. In: *Folha de São Paulo*. 19 jun. Caderno Mais. São Paulo: 2005.
- CORRÊA, Mariza. “O Sexo da Dominação”. In: *Revista Novos Estudos CEBRAP* (54). São Paulo: CEBRAP, 1999.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. “A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções”. In: Carrara, S.; Gregori, M. F.; Piscitelli, A. (orgs.). *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- EDWARDS, Tim. “Queering the Pitch? Gay Masculinities”, In: Connell, R.W., Kimmel, Michael S., Hearn, Jeff (eds.), *Handbook of Studies on Men & Masculinities*. California: Sage Publications, 2005.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidade e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/Unicamp, 2008.
- FEATHERSTONE, Mike. 1995. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- FRANÇA, Isadora Lins. “Gordos, Peludos e Masculinos: homossexualidade, gênero e produção de categorias em São Paulo”. Trabalho apresentado no *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro: SBS, 2009.
- _____. *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2010.

- FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio. “Do Gueto ao mercado”. In: Green, J.; Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- FRY, Peter. “Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. In: *Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. “Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil”. In: Goldemberg, Miriam (org.). *Nu e Vestido – dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GARCIA, Esteban Andrés. “Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: *barebacking*, esportes de risco e terrorismo biológico”. In: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Fígari, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- GREGORI, Maria Filomena. “Mercado Contemporâneo de Bens Eróticos: apontamentos etnográficos e notas sobre gênero e práticas sexuais”. Comunicação apresentada no *31º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu: Anpocs, 2007.
- _____. *Prazeres Perigosos – erotismo, gênero e limites da sexualidade*. Tese de Livre-Docência, Departamento de Antropologia, IFCH. Campinas: UNICAMP, 2010.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O Homossexual Visto por Entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HALKITIS, Perry N.. “Masculinity in the Age of AIDS – HIV-Seropositive Gay Men and the “Buff Agenda””. In: Nardi, Peter (ed.), *Gay Masculinities*. California: Sage Publications, 2000.
- LEVINE, Martin P. *Gay Macho – the life and death of the homosexual clone*. New York and London: New York University Press, 1998.
- MISKOLCI, Richard. *O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet*. In: Gênero. Niterói: UFF, 2009.
- MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. “Prefácio – Aquele não mais obscuro negócio do desejo”. In: Perlongher, Néstor. *O Negócio do Michê – a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.
- NEWTON, Esther. *Mother Camp – female impersonators in America (with a new preface)*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1979 (1972).
- OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que Pesam - performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006.
- PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação DE Mestrado em Antropologia Social. Campinas: Unicamp, 2008.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. “El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil”. In: Quaderns-e (4). Barcelona: l'Institut Catalé d'Antropologia, 2005.
- RUBIN, Gayle. “The Catacombs: A temple of the butthole”, in: Thompson, Mark (ed.), *Leather-Folk: radical sex, people, politics and practice*, Boston: Alyson Publications, 1991.
- SANTOS, Elcio Nogueira dos. “Entre Amores e Vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês”. Comunicação apresentada no *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife: SBS, 2007.
- _____. “Corpos à venda, corpos do desejo, corpos discursivos: as relações de poder inscritas nos corpos dos michês das saunas de São Paulo”, Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8*. Florianópolis: 2008.
- SIMÕES, Júlio Assis. “Resenha: Cultura de consumo e pós-modernismo, de Mike Featherstone”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 10, n. 28. São Paulo: 1995.
- SÍVORI, Horácio. “Resenha de Public Sex, Gay Space”. In: *Mana*, vol.8, no.2. Rio de Janeiro: 2002.
- _____. “A identidade homossexual como regime de vida e suas éticas menores”. Comunicação apresentada no *30º Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu: Anpocs, 2006.
- VIÑUALES, Olga. “Prólogo”. In: Weinberg, Thomas S. (ed). *BDSM – Estudios sobre la dominación y la sumisión*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2008.
- ZILLI, Bruno D. *A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2007.